

Alinhamento entre as Semióticas de Peirce e de Deleuzi-Guattari na Geração de Significados

Reinaldo de Figueirêdo Almeida¹, Eduardo David de Oliveira² e Laís do Nascimento Salvador³

¹Doutorado Multi-Institucional e Multidisciplinar em Difusão do Conhecimento (DMMDC) - Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Salvador – BA – Brazil

²Faculdade de Educação - Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Salvador – BA – Brazil

³Departamento de Ciência da Computação - Universidade Federal da Bahia (UFBA)
Salvador – BA – Brazil

reifa28@gmail.com, afroduda@hotmail.com, laisns@dcc.ufba.br

Abstract. *This article is part of the research conducted in DMMDC-UFBA, aiming the study of the process of knowledge acquisition for the production of computational ontologies. Among the various aspects related to the theme, this one brings a proposal based on the alignment of the semiotics defined by Peirce and by Deleuze and Guattari, through which one seeks to break with the classic process of assigning a meaning directly to a sign, adding to the universe of related discourse, other non-discursive elements, bringing the reality of the facts closer to the formalized reality in an ontology.*

Resumo. *Este artigo faz parte da pesquisa conduzida no DMMDC-UFBA, objetivando o estudo do processo de aquisição de conhecimentos para a produção de ontologias computacionais. Dentre os vários aspectos relacionados ao tema, este traz uma proposta baseada no alinhamento das semióticas definidas por Peirce e por Deleuze e Guattari, através do qual se busca romper com o processo clássico de se atribuir um significado diretamente a um signo, agregando ao universo do discurso relacionado, outros elementos não discursivos, aproximando a realidade dos fatos à realidade formalizada em uma ontologia.*

1. Introdução

Uma questão que se coloca como crítica no universo dos sistemas inteligentes é aquela que se refere a como aumentar o grau de aproximação entre as realidades, dos fatos, entendida e significada, visando o desenvolvimento de ontologias computacionais? Em atenção a esta questão, este trabalho introduz uma revisão do processo de geração de significados, base para o processo de aquisição de conhecimentos, visando à construção de ontologias computacionais.

Tomando-se Guarino, Orbele e Stabb (2003) no artigo *What Is an Ontology?* como referência, tem-se que a realidade descrita por cinco momentos, inter-relacionados, onde o primeiro diz respeito à realidade dos fatos, o segundo se refere à percepção da realidade ou de uma porção da realidade a ser representada (realidade percebida), o terceiro trata da conceitualização da realidade percebida, o quarto se refere à formalização dos conceitos levantados na etapa anterior e suas relações, e por último, o momento em que a realidade é

tornada disponível através de uma ontologia computacional. Para os autores, a percepção e conceitualização são os momentos mais críticos na representação da realidade, e aqueles mesmos estudados.

Assim, considerando que entendimento, cognição e semiótica, estão fundados sobre a geração de significados, e que uma nova abordagem se faz necessária para atender a questão colocada anteriormente, este artigo propõe que seja aplicada uma semiótica pós-estruturalista junto ao processo para aquisição de conhecimentos, relativos à realidade dos fatos que irão compor as bases de conhecimentos hospedadas em ontologias.

2. Alinhamento entre as semióticas de Peirce e de Deleuze-Guattari

Na perspectiva da semiótica aqui proposta, busca-se superar o perceber pelo entender, composto de interpretação e compreensão, e o conceituar pelo significar, o que implica na eliminação da relação direta entre signo (termo) e significado, saindo de um movimento estruturalista para outra com um viés pós-estruturalista, ao incluir o contexto como elemento fundamental na relação entre signo e significado.

2.1. A semiótica de Peirce

A semiótica formulada pelo americano Charles Sanders Peirce incorpora a superação da semiótica primitiva aristotélica, proposta por Nietzsche (Martínez 2012), apresentada no esquema: (Peirce 2010)

*(objeto(n) ⇒ sistema de signos (representação) ⇒ compreensão e interpretação ⇒ objeto(m)),
onde objeto(n) ≈ objeto(m).*

Segundo a semiótica de Peirce, *objeto(n)* é representado pelo *objeto(m)*, a partir compreensão e da interpretação sobre *objeto(n)*, o que implica dizer que não há uma verossimilhança entre o objeto e o signo, como nos faz crer a semiótica primitiva.

Para Peirce, há uma tricotomia universal constituída pelo signo (aquele que representa: o *significante*), pelo interpretante (aquele que compreende e interpreta: o significado) e pelo objeto (aquele é referenciado ou referido: o referente). Esta tricotomia é fundada numa lógica de representação, que reflete, inicialmente, a ideia de que o signo não é necessariamente, a representação exata de um objeto, mas aquilo que deste se percebe. (Peirce 2010)

No contexto da lógica de representação, Peirce especula que a mente estabelece relações entre o signo e o objeto e as define como sendo: a mente que atua junto a um signo conectado a um objeto por meio de algumas qualidades deste; a mente que atua junto a um signo, compreendendo ou interpretando um objeto através de outro signo conectado ao mesmo; e, a mente que contata com um signo que equivale a um objeto que se encontra conectado a outro signo por algumas de suas qualidades. (Eco e Sebeok 2008)

2.2 A Trans-Semiótica

A Trans-semiótica foi definida por Giles Deleuze e Félix Guattari no capítulo 7 da coletânea, *Mil Platôs, Ano Zero – Rostidade*. (Deleuze e Guattari 1996) Nela, o signo não pode ser significado apenas com base numa lógica de representação, mas, também, através de uma lógica de não representação, ou uma lógica dos sentidos.

Para a lógica dos sentidos, o signo não deve ser estático, mas sim, dinâmico. O signo deve ser um *significante* capaz de conduzir à compreensão e à interpretação, dizendo como é o objeto, como ele funciona e como ele se transforma. (Deleuze e Guattari 1996) A Trans-

semiótica, então, junta as duas lógicas, definindo o significado do signo através da função *f(significância, subjetivação)*, onde significância é a relação entre objeto referente e signo significante (aquele que contém elementos da realidade, explícitos e não explícitos), e subjetivação (o entendimento dado pelo sujeito). (Deleuze e Guattari 1996)

Deste modo, a Trans-semiótica substitui o conjunto (representação, identificação (identidade estática), universal e Corpo com Órgãos) por outro, formado por: subjetivação, significância, particular e Corpo sem Órgão (CSO). (Deleuze e Guattari 2010)

2.3. Alinhamento entre as Semióticas

A partir das referências estabelecidas entre a semiótica concebida por Peirce e a Trans-semiótica proposta por Deleuze e Guattari, o alinhamento das duas semióticas ocorre por meio daquilo que os filósofos franceses chamam de Cartografia do Pensamento.

Na semiótica peirceana, a cartografia se dá através do caminho a ser percorrido pelo signo, indo do referente, passando pelo significante, seguindo até o significado, ou como temos em uma ontologia, a tríade: signo, interpretante e objeto. (Peirce 2010) Já na Trans-semiótica, a cartografia se expressa através dos registros dos movimentos do signo, por meio de mudanças ocorridas nos territórios mentais do sujeito, em alterações de estados ou regimes, chamados de territorialização, desterritorialização e reterritorialização.

Portanto, ao se alinhar as semióticas aqui citadas, é possível tomar o triângulo semiótico inicial de Peirce e o reconfigurar, tornando explícitas as subjetivações discursivas e não discursivas junto à significância do signo, conforme observado na figura 1.

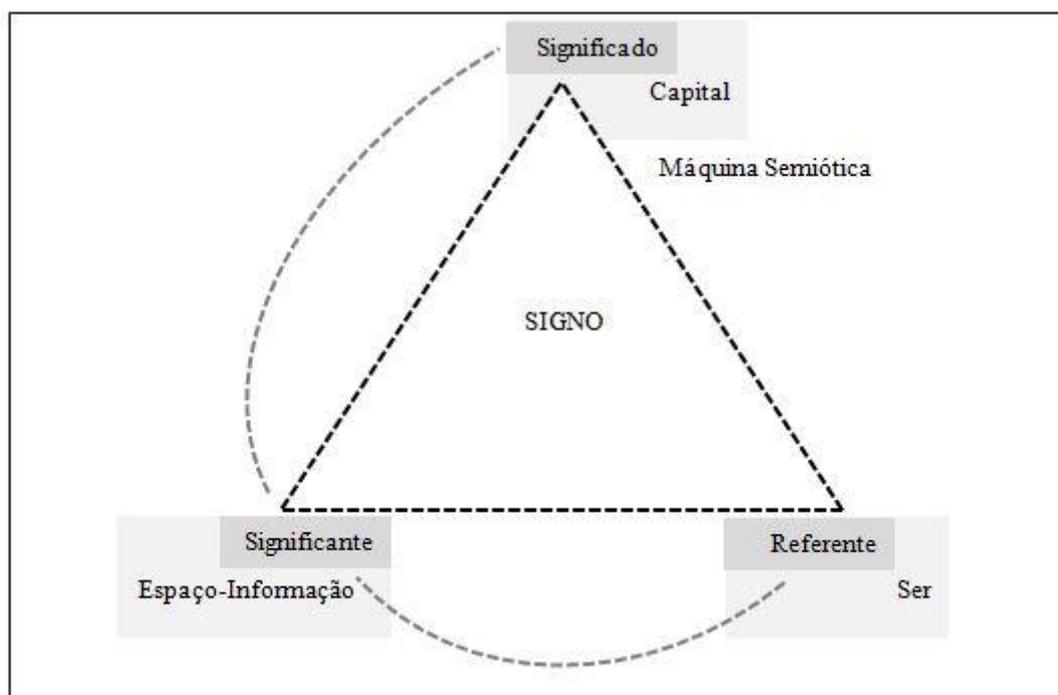


Figura 1. Triângulo semiótico para agenciamentos junto à relação sujeito-objeto.
Fonte: Baseada em Peirce (2010, p. 32) e em Deleuze e Guattari (2010, p. 120).

A figura 1, titulada como *Triângulo semiótico para agenciamentos junto à relação sujeito-objeto*, representa as subjetivações, discursiva e não discursiva, na construção da significância, a qual atua como base para a geração de significados.

Ao analisar o Triângulo se tem uma forma pontilhada, indicando que o signo não é estático. O mesmo ocorre com o arco formado pelos elementos, referente, significante e significado, o qual denota: a inexistência de um sentido direcional, a composição de uma escala contendo valores infinitos, e a existência do significante como elemento de ligação entre o referente e o significado.

Nele, os elementos que compõem o signo (referente, significante e significado) são projeções da experiência do real ou do possível (Deleuze 1963 apud Deleuze 2005). Esta experiência, representada na figura pelo objeto referido, sujeito enunciador e máquina semiótica, projeta-se sobre o signo através da mediação dada pelos elementos, Ser¹, espaço-informação² e capital³, respectivamente.

Os elementos que mediam estas projeções exercem papel fundamental no processo de geração do significado. O Ser representa todas as tentativas em se efetuar um entendimento (compreensão e interpretação) sobre o objeto referente. O capital é responsável pelos limites observados pelo conceito (significado do signo), na medida em que atua sobre este, tomando como base as subjetivações, discursivas e não discursivas, e, particularizando-o, através do entendimento sobre o plano de significância trazido pelo significante. (Deleuze e Guattari 2010) Por fim, a projeção mediada pelo espaço-informação entre o sujeito enunciador e o significante se expressa pela territorialização do desejo, que em última instância, é resultante da relação sujeito-objeto.

3. Conclusão

Ao propor um novo esquema para a geração do significado de um signo, expresso na figura 1 e intitulado de *Triângulo semiótico para agenciamentos junto à relação sujeito-objeto*, este trabalho busca estabelecer que as subjetivações, discursivas e não discursivas, sejam adicionadas à significância necessária à geração do significado. Na abordagem proposta, fica claro que o significado de um signo que expressa um objeto referente, é gerado pela presença ativa de um sujeito enunciador, onde este e o ambiente devem se combinar para que o significado seja determinado.

Assim, obtêm-se uma abordagem pós-estruturalista voltada a incorporar no significado dos signos, elementos, tanto do universo do discurso relativo à realidade a que se pretende formalizar e disponibilizar, como elementos não discursivos. Isto permite incorporar nas estruturas de uma ontologia computacional, elementos polifônicos, subjetivos e heterogêneos.

Referências

- DELEUZE, G. **A imagem-tempo**: cinema. Tradução Eloísa de Araújo Ribeiro. São Paulo: Brasiliense, 2005. 170 p.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. Tradução Aurélio Guerra Neto et al. Rio de Janeiro: Editora 34, 1996. 110 p.

¹ Ser, com S maiúsculo, como quer Guattari, para significar uma entidade ontológica. (Deleuze e Guattari 2010)

² Espaço-informação é uma expressão cunhada pelo escritor norte-americano Steven Johnson (2001), para expressar uma ideia através de uma interface. O sentido buscado, segundo o escritor, é similar àquele que era dado pelos retóricos clássicos ao se referirem às epigramas do poeta grego Simônides (556 a.C. – 468 a.C.) como palácios de memória. (Johnson 2001)

³ Capital, para Deleuze e Guattari (2010), é o resultante da territorialização, desterritorialização e reterritorialização.

- _____. **O anti-Édipo**. Tradução Luis B. L. Orlandi. Rio de Janeiro: Editora 34, 2010. 216 p.
- ECO, U.; SEBEOK, T. A. (Orgs.). **O signo de três**: Dupin, Holmes, Peirce. Tradução Silvana Gracia. São Paulo: Perspectiva, 2008. 280 p. (Estudos; 121).
- GUARINO, N.; ORBELE, D.; STAAB, S. **What is an ontology?** 2. ed. Nova Iorque: Springer-Verlag, 2003. p. 1-17. (Handbook of ontologies).
- JOHNSON, S. **Cultura da interface**: como o computador transforma nossa maneira de criar e comunicar. Tradução Maria Luiza X. de A. Borges. Rio de Janeiro: Zahar, 2001. 190 p.
- MARTÍNEZ, O. B. Filosofia como política, fabulación y cine: Nietzsche, Bergson, Nancy y Deleuze. **Nórmadas**, v. 37, p. 171-183, 2012.
- PEIRCE, C. S. **Semiótica**. 4. ed. Tradução José Teixeira Coelho Neto. São Paulo: Perspectiva, 2010. 337 p.